



Primeiro Domingo depois do Natal (26/12/04)

1ª leitura (Antigo Testamento): Isaías 61.10 a 62.3

O "trito-Isaías" atuou durante o pós-exílio, época em que começaram a voltar os primeiros exilados (muito provavelmente seus filhos e netos, a segunda e terceira geração). Os capítulos 55 a 66 do livro de Isaías referem-se a essa época. Trata-se, portanto, de uma dimensão completamente diferente do tom seguido pelo primeiro-Isaías (caps. 1-39) e do Dêutero-Isaías (caps. 40-55). Aqui o acento do texto é a ação de graças por contemplar o que Deus está fazendo: uma grande obra de reconstrução na vida do povo. Na verdade, seria bom estender a leitura pelo menos até o versículo 5, pois ali fecha-se uma estrofe iniciada 61.10 em que a nova relação entre Deus e o povo é comparada a uma festa de casamento em que noivo e noiva se preparam para as alegrias da união. (CEBC).

2ª leitura (Epístola): Gálatas 3.23-25, 4-4-7

As pessoas vivem, agora, sob um novo regime (dispensação) e têm uma nova identidade, uma nova forma de relacionamento com Deus e uns com os outros, disse Paulo aos Gálatas. Qual é a diferença? Antes de ouvir e aceitar o Evangelho, o Cristo, a vida estava sob o regime de vigilância de tudo quanto a tradição cultural e religiosa do Antigo Testamento representava. E aqui se deve incluir, também, o que a tradição cultural e religiosa do mundo dizia sobre os poderes "invisíveis" que determinam a vida das pessoas (ver 4.2). Do mesmo modo, "as Boas Novas" como eles estavam acostumados a entender: o nascimento de César que instaurou o império, sua ordem, lei e domínio, sendo ele o benfeitor para os povos. Tudo isso tinha de ser revisto por quem recebeu adoção de filhos e filhas, uma nova visão, um novo lugar neste universo de Deus. E Paulo continua: "Agora, vocês olham para as Escrituras do Antigo Testamento com um novo olhar não como escravos, mas como livres". Será que com isso o Antigo Testamento não tem mais importância? Claro que não, mas sua leitura é vista com o olhar do Evangelho, o Cristo libertador e formador de um novo relacionamento de amor. O propósito do vigilante foi cumprido quando a criança entrou no novo regime. Esse novo regime vem a ser o objeto de consideração em 4.4-6.

Esse novo regime Paulo o denomina de "plenitude dos tempos", o tempo da salvação inaugurado pela vinda de Jesus, o reinado de Deus. Os vs.5-6 falam de modo sintético todo o processo da inauguração: o envio, nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus. E vocês, cristãos da Igreja de Galácia, têm uma nova identidade. Vocês são filhos de Deus. Esse é um título honorífico no judaísmo e reservado para o juízo final (ST).



Santo Evangelho (João 1.1-18)

Se na liturgia de Natal se acentua a humildade do Messias, no 1º dom após o Natal se realça sua eterna grandeza e glória. A cristologia do dia de Natal é quenótica, enquanto a do 1º domingo depois do Natal, é a cristologia da glória, do senhorio de Cristo preexistente. Mas por ser centralizada na palavra/verbo, não é mera especulação sobre a natureza ou substância divina de Jesus, mas sim, é uma cristologia da manifestação de Deus. Cristo é a própria comunicação de Deus, sua própria Palavra. Tudo o que Deus disse e fez desde o princípio, a própria obra da criação, os contínuos sinais na história de Israel e de outros povos, podem agora ser enxergados, contemplados, visivelmente e concretamente em Cristo.

Essa Palavra (Logos, palavra significativa, definitiva, verbo, ação) que é Cristo, é pré-existente ao mundo e, de acordo com São João, precede à palavra do princípio (Gênesis). Essa única palavra é anterior às próprias palavras da Lei, sendo, portanto, eterna. Desse modo, quando o evangelista afirma que essa Palavra (Logos-Cristo) é luz que "brilha nas trevas" (1.5) e Verbo que "ilumina todo homem" (1.9) podemos compreender que tal afirmação corresponde à toda época anterior e posterior à vinda histórica da Palavra, a encarnação do Logos. Conforme Mateos e Barreto, "Se João tivesse usado um imperfeito (brilhava, iluminava), teria sugerido que, a partir da chegada histórica, todo aquele que não tivesse tido notícia dela teria ficado definitivamente privado da luz" (Mateos e Barreto, O Evangelho de São João, SP, Paulinas, 1989, pg. 39).

O versículo 3 ensina que nada existe fora da vontade e do projeto divino, expresso e realizado por sua Palavra. Não há criatura que não seja expressão de Deus nem que seja má em si mesma.

Os versículos 6 a 8 e 14 provavelmente foram inseridos numa época em que era necessário pôr João Batista "no seu devido lugar", devido ao crescimento da comunidade de seus seguidores. Por isso encontramos tantas vezes no Evangelho de João, explicações claras a respeito do papel de João Batista: testemunhar em favor da luz, apontando a possibilidade da vida (v.7). Certamente havia naqueles dias seguidores do Batista que o identificavam com a luz. Por isso, o evangelista faz questão de frisar: "ele não era a luz" (v.8). Eis aí um tema que pode ser explorado na homilia: de que modo aqueles que devem ser testemunhas da luz podem acabar se identificando com a luz? Sempre há o risco de igrejas, pastores, padres e bispos direcionarem para si os holofotes ao invés de apontarem para a única e verdadeira luz "que ilumina todo homem".

A partir do versículo 11, o texto fala da chegada histórica da Palavra pela encarnação, acentuando aqui o insucesso da antiga aliança, mas mostrando que, embora rejeitado por muitos, sempre há quem esteja disposto a acolher o verbo. Mais à frente, nas próprias páginas da literatura joanina aparecerão a samaritana (cap. 4), as ovelhas não pertencentes ao redil de Israel (10.16), os gregos (12.20-22), etc. Todos esses que recebem a luz tornam-se "filhos (tekna) de Deus". Ou seja, passam a ter participação em algumas qualidades divinas - Deus os capacita a comunicar vida e luz ao mundo. Isso, porém, é garantido pela adesão pessoal a ele (v. 12c). Não é



adesão a uma teologia, mas a uma pessoa enquanto modelo. É adesão contínua a Jesus.

“Veio para os que eram seus e os seus não o receberam”. A maior parte dos judeus daquela época não reconheceu Jesus como o Messias, apesar de conhecerem as profecias. Exatamente aí reside um bom tema a ser enfatizado na homilia, uma vez que nós também, apesar de ouvirmos continuamente o Evangelho às vezes não somos capazes de reconhecê-lo. O fato é que é comum construirmos cristologias (interpretações teológicas a respeito de Cristo) que podem cegar os nossos olhos a suas manifestações. Isso acontece quando resistimos a reconhecer Cristo de modo diferente daquele com o qual já estamos familiarizados. Procuramos Cristo nos milagres e eventos extraordinários, quando, pela encarnação, Ele se tornou tão próximo de nós, tão simples e corriqueiro que podemos também não recebê-lo. A resistência do cristianismo contemporâneo a reconhecer Cristo nos pobres é uma recusa da própria encarnação. Pela encarnação, Deus passou a revelar-se com rosto humano. E ainda hoje, sua presença é oculta, disfarçada em rostos conhecidos demais: o da criança carente, o do desempregado, do doente, do mendigo, do desamparado, dos que sofrem. Seria muita falta de compreensão da glória de Deus fecharmos os nossos olhos à presença de Cristo hoje nos que sofrem. Uma boa visão anglicana da encarnação pode ser encontrada no livro do Bispo John Robinson, “A face humana de Deus”.

No versículo 14 o mistério da encarnação é anunciado tendo como base as tradições do Êxodo. Através de Cristo, Deus “habitou” ou “acampou” entre nós. Essas palavras aludem à antiga Tenda de Encontro, morada de Deus entre os israelitas durante a peregrinação pelo deserto, substituída mais tarde pelo santuário de Jerusalém. Agora o lugar onde Deus habita é um homem concreto. Seu corpo será o novo santuário. Aí vemos a glória de Deus. Glória é o resplendor da presença divina que aparecia sobre o santuário ou tenda. De acordo com a cristologia joanina, a glória de Deus é a humanidade assumida em Cristo e nele resgatada, redimida e reconciliada.

Finalmente, a prova mais convincente da veracidade dessa mensagem é a salvação e vida comunicada por Jesus e o fato de ele revelar a graça e a glória de Deus em plenitude. De acordo com João, todos os que o recebem, participam de algum modo, dessa mesma plenitude, e também da glória e riqueza do Pai (CEBC).